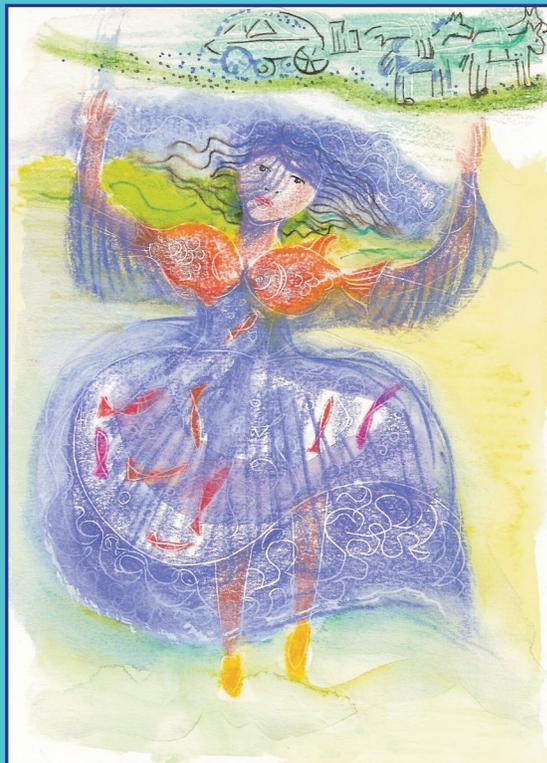


HISTÓRIAS DO FUNDO DO BAÚ

Volume I



Contos de Dona Luiza



EDUNEB

Histórias do Fundo do Baú

Volume I

CONTOS
DE DONA LUIZA



EDUNEB

Salvador

2009

© 2009 Editora da Universidade do Estado da Bahia - EDUNEB
Proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio de impressão, em forma idêntica, resumida
ou modificada, em Língua Portuguesa ou qualquer outro idioma.
Depósito Legal na Biblioteca Nacional
Impresso no Brasil 2009.

Ficha Técnica

Organização, seleção e transcrição dos contos
Edil Silva Costa

Revisão e estabelecimento dos textos
Vilma Mota Quintela

Ilustração da capa
Luiz Ramos

Projeto Gráfico, Projeto Visual e Editoração
Sidney Santos Silva

FICHA CATALOGRÁFICA – Biblioteca Central da UNEB
Bibliotecária : Jacira Almeida Mendes – CRB: 5/592

Contos de Dona Luzia / Organizado por Edil Silva Costa . – Salvador : EDUNEB,
2009.
64p.

Série: Histórias do fundo do baú ; v. 1.

ISBN :978-85-7887-022-5.

1. Contos. 2. Lendas. 3. Folclore brasileiro. I. Costa, Edil Silva.

CDD : 808.8308

Editora da Universidade do Estado da Bahia - EDUNEB
Avenida Jorge Amado, s/nº - Boca do Rio Salvador-BA - CEP. 41.710-050
Tel. (71) 3371-0107 / 0148 - R. 204/217
editora@listas.uneb
www.uneb.br

Apresentação: O Baú se Abre

Esta coletânea é fruto do trabalho de anos de pesquisadores da Universidade Federal da Bahia e da Universidade do Estado da Bahia. Mas, acima de tudo, é feita por narradoras e narradores que emprestam seu corpo e sua voz para dar continuidade a outras vozes vindas de tempos remotos. Tiradas do fundo do baú da memória, os textos aqui reunidos são dedicados a jovens que, ouvindo, lendo, recontando, reescrevendo, são também elos dessa corrente. Do mesmo modo, a Coleção é dedicada aos professores que irão compartilhá-la com seus alunos. Trilhando juntos esse caminho, fortalecemos nossos laços comunitários e familiares. Ao reunir as vozes de avós e netos, percebemos que o mais tradicional é também o mais contemporâneo.

Idealizada e iniciada pela Professora Doralice Alcoforado, esta Coleção visa reaproximar alunos e professores da nossa rica tradição oral, levando para a escola os contadores tradicionais e suas narrativas. A equipe que trabalhou na adaptação dos textos procurou não perder de vista que a letra nunca vai conseguir representar a performance dos contadores, mas deve se esforçar para que a memória da oralidade seja recuperada no momento da leitura. Os textos que ora apresentamos sofreram a interferência necessária para sua inserção no ambiente escolar e, ao mesmo tempo, promover a saída desse ambiente para a comunidade, para além dos muros da escola e da cultura letrada.

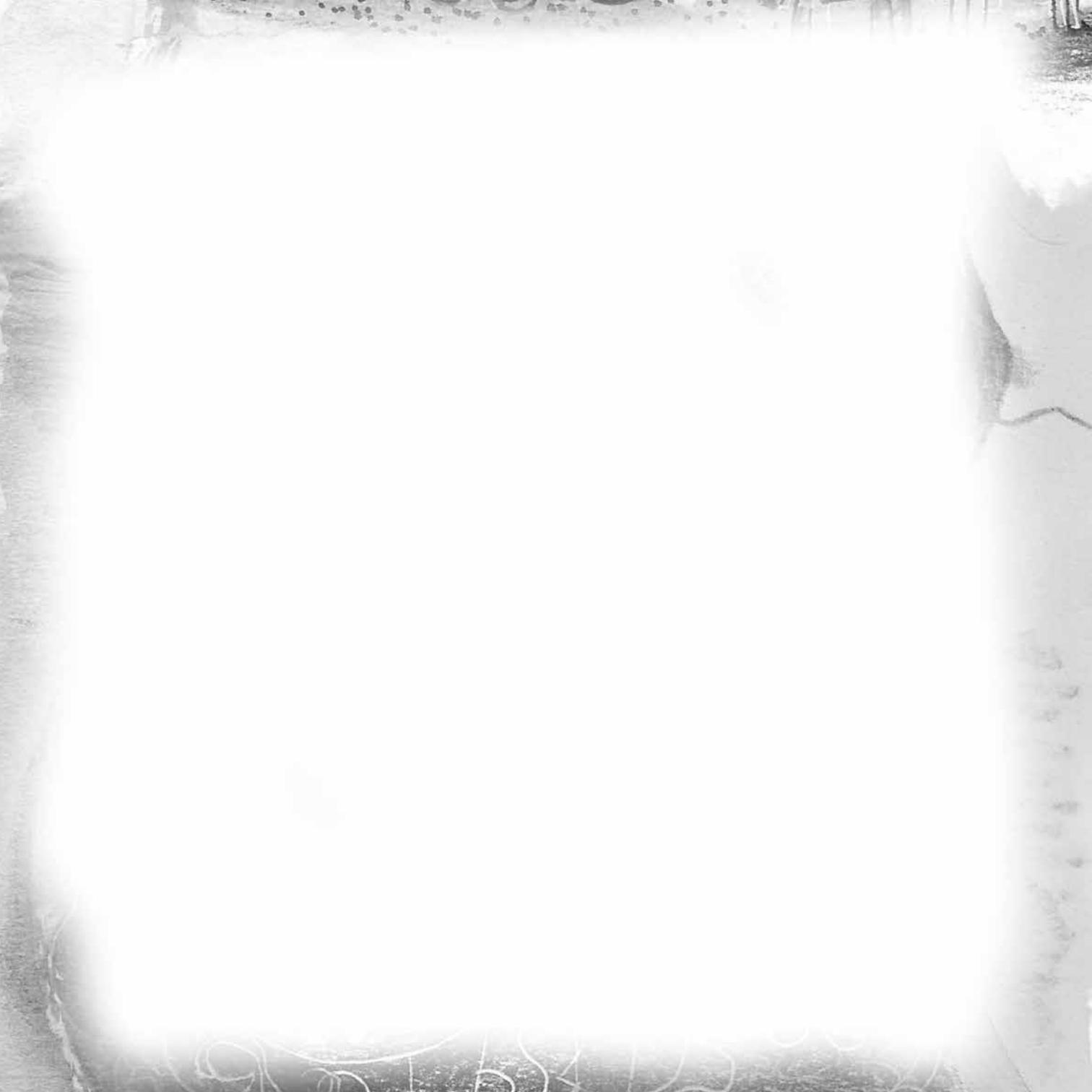
Os contos que foram selecionados para a Coleção formam cinco volumes: o volume 1: *Contos de D. Luiza* reúne sete deliciosas histórias de exemplo e encantamento narradas por Dona Luiza Cruz do Nascimento que tem um jeito todo especial de educar divertindo. No volume 2: *Contos de Animais* estão oito histórias do tempo em que os bichos

falavam que nos foram contadas por homens e mulheres, de Salvador e do interior do Estado. O volume 3: *Histórias de Pedro Malasartes* convida o leitor a refletir sobre a espreiteza desse personagem que faz rir pelo modo quase sempre ilícito de derrotar seus adversários. O volume 4: *Contos de D. Carlota* apresenta as narrativas, a maior parte contos de exemplo, de Dona Carlota Couto Farias, moradora de Salvador. Fechando a coleção, o volume 5: *Contos de D. Sônia* traz as narrativas de Dona Sônia Pinto, narradora da cidade de Alagoinhas, interior da Bahia, que se faz presente.

O baú, cheio de histórias, agora se abre. Dele retiramos e nele colocamos nossa memória.

Salvador, novembro de 2008.

Edil Silva Costa
Comissão Baiana de Folclore



Contos de Dona Luiza

Luiza Cruz do Nascimento, ou simplesmente D. Luiza, nasceu em Salvador, no bairro de Pernambués onde vive até hoje. Líder comunitária, a contadora de histórias presidente da Comissão Unida de Pernambués, que funciona desde 1965, como veículo a serviço da comunidade, promovendo palestras educativas e campanhas públicas.

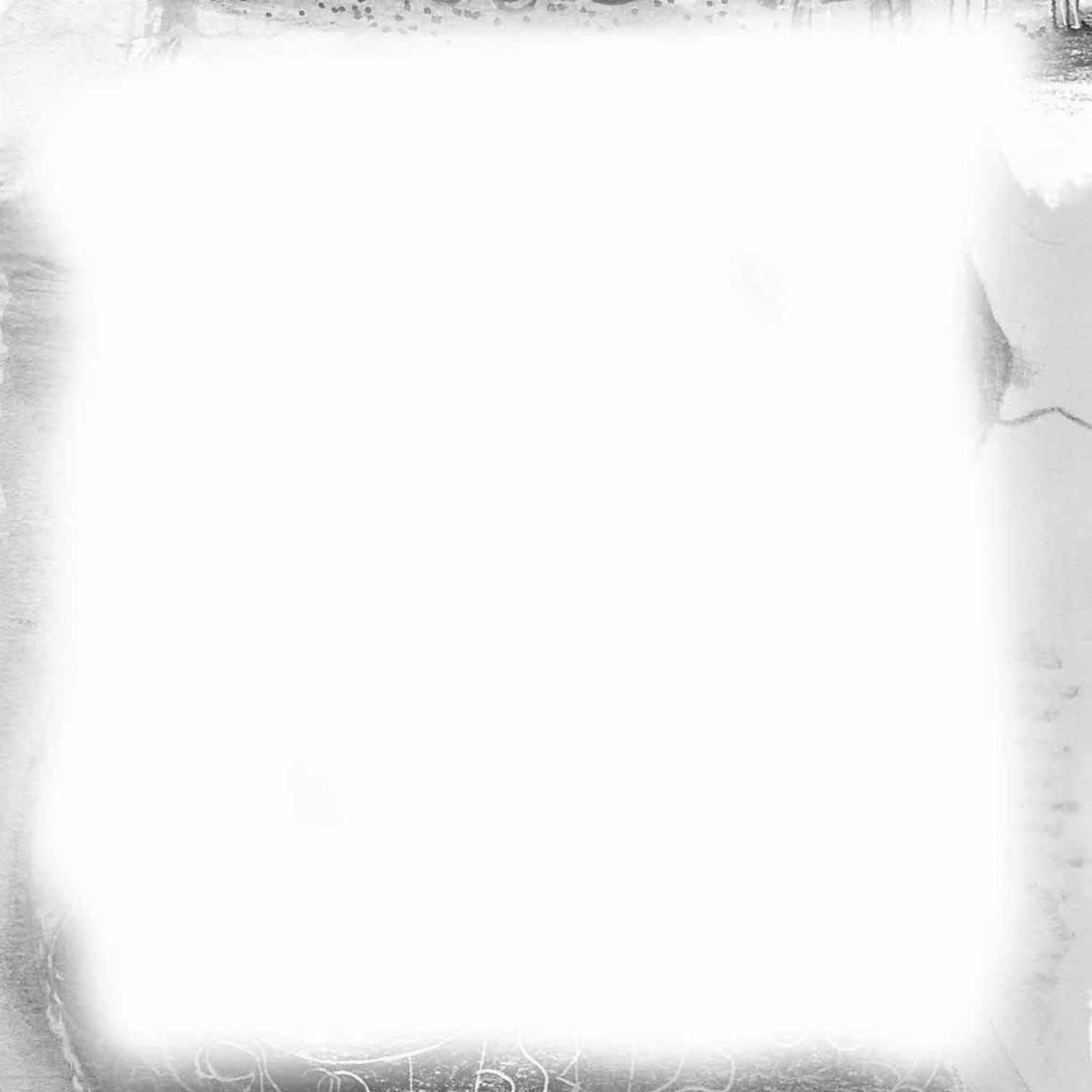
Mestra da cultura popular tradicional, D. Luiza também dirige, junto com o marido Silvano Francisco Nascimento, o “Terno de Reis Rosa Menina”, atuando na concepção dos figurinos e na organização das alas. O “Terno Rosa Menina” nasceu no bairro de Brotas em 1945 e se mudou para o Pernambués em 1955. Fundado por Silvano Francisco do Nascimento,

é um dos ternos mais antigos de Salvador e o mais velho ainda em atividade.

Os contos apresentados a seguir foram gravados em Salvador, em agosto de 1995, e transcritos segundo as normas do Programa de Estudo e Pesquisa da Literatura Popular da UFBA. Nesta coletânea, temos uma pequena amostra do rico repertório da narradora, que inclui histórias de encantamento, de acumulativos, de “natureza denunciante” etc, destacando-se em todas elas o cunho moralizante próprio do conto de exemplo. Certamente, o leitor encontrará aqui um valioso material poético, além de um expressivo documento da memória narrativa tradicional.

Índice

O peixinho dourado	11
A caveira	17
A pintinha coxa	21
Viva Deus e nada mais	31
A mulher preguiçosa	39
O rei que tinha a barba azul	47
Dom Durnis	51



O PEIXINHO DOURADO

Olhe: era um casal muito pobre... Eles moravam num lugarzinho muito pobre e não tinham nada. O homem, o esposo, vivia da pesca. Sempre ele ia ao rio, pescava, voltava; trazia aquele peixinho, a mulher aprontava... Eles comiam, e iam vivendo... Quando foi um dia, ele foi pescar e encontrou um peixinho dourado. O peixinho dourado lhe disse:

- Ô meu pescador, não me pesque não! Se você não me pescar, eu lhe dou tudo que você desejar. Quando você disser: "Bota-te, mesa!", aí aparece a mesa cheia de comida. Tudo o que você pedir, eu lhe dou. Vá pra casa.

Ele então veio pra casa. Quando ele chegou, a mulher foi logo perguntando:

- Mas você já veio sem peixe!? O que é que as crianças vão comer hoje?

Ele disse:

- Olha mulher, eu fui pescar, mas apareceu um peixinho dourado e disse que eu não pescasse ele; que tudo que eu precisasse ele me dava. Quando eu tivesse com fome, que eu dissesse: "bota-te mesa!" - e logo aparecia uma mesa posta com toda comida, pra eu escolher.

Ela brigou com o marido, dizendo:

- Isso é invenção, isso é mentira sua...!

Enfim, quando deu meio dia, lembrado de sua conversa com o peixinho, ele disse:

- Bota-te, mesa!

E apareceu uma mesa farta. A mulher ficou muito contente. Disse:

- Marido, amanhã você vai dizer ao peixinho dourado pra transformar esta casa. Esta casa 'tá muito ve-

lha e feia. Pobre dessas crianças!... Você vai pedir isso a ele!

Logo o marido foi ao rio e disse:

- Peixinho dourado, minha mulher quer transformar a nossa casa: ela quer uma casa bonita e boa; que eu seja empregado e meus filhos tenham roupa e calçado.

O peixinho respondeu:

- Vá pra casa.

Quando ele chegou em casa, encontrou uma morada muito bonita. Ele ficou muito contente. Acontece que a mulher era muito egoísta... E não se sentia bem com o que ela já tinha, e cada dia ela queria um pouco mais. No outro dia, a mulher ordenou:

- Olhe marido, vá dizer ao peixinho dourado que é pra ele fazer de você um rei e de mim uma rainha! Assim a gente manda nesse território todo. Só com esses empregadinhos e essas posses, a gente em nada pode mandar!

Ele:

- Mulher, se conforme, mulher! Olhe quem éramos nós! Nós não tínhamos nada... só uma casinha velha, de taipa. Hoje a gente tem uma casa boa, temos móveis, temos comida, empregados, e você ainda quer mais, mulher?

- Não! Ele prometeu, ele tem que dar... O peixe tem que cumprir a promessa feita!

No outro dia, o pescador voltou ao rio:

- Meu peixinho dourado! Minha mulher disse que é pra você fazer de mim um rei e dela uma rainha, que é pra ela ter muitos vassallos, e nós mandarmos nisso tudo aqui!

O peixinho dourado disse:

- Pode ir pra casa.

Quando ele chegou em casa, já encontrou o trono e a mulher sentada, vestida de rainha. Ele então se transformou em um rei e os filhos, em príncipes com carruagem e tudo.

Passados uns dias, ainda inconformada, ela disse:

- Sabe, marido, eu vou pedir outra coisa ao peixinho dourado... A gente sendo rei e rainha só manda nisso aqui. Agora você vai dizer ao peixinho dourado que é pra ele fazer de você Deus e de mim, Nossa Senhora. Aí nós vamos mandar no mundo inteiro!

Ele:

- Mulher, mulher, isso não pode ser! Você não já viu que tudo que a gente pediu o peixinho dourado deu? Mas isso é impossível, mulher! Eu ser Deus e você ser Nossa Senhora!? Isso não vai acontecer!

- Mas ele prometeu! Você não pescou o peixinho pra gente comer... Agora ele tem que cumprir!

O homem era muito obediente ou tinha medo da mulher, não sei... Quando ele chegou ao lago onde pescava, o peixinho dourado apareceu.

- Que aconteceu, meu bom pescador?

Ele disse:

- Olhe, peixinho dourado, minha mulher disse que

é pra você fazer de mim Deus e dela, Nossa Senhora.
Só assim ela poderá mandar no mundo inteiro!

Ele disse:

- É, meu bom pescador?

Ele disse:

- É, peixinho dourado.

- Vá pra casa, quando chegar, você encontra tudo.

Você vai ficar no céu, no trono e ela também...

Quando ele voltou pra casa, encontrou foi tudo como era antes... Ela na cinza, comendo a miséria em que eles viviam antes dele encontrar o peixinho dourado. O homem então falou:

- Você quis demais, não é, mulher? Pois! Quem quer tudo, nada tem!

Assim termina a história do peixinho dourado.

A CAVEIRA

Era um homem linguarudo: tudo que ele via, ele falava. A sua mulher dizia:

- Olhe, Fulano, você fala muito, você vai se dar mal...

Ele respondia:

- Que nada!

Tudo que ele via, ele contava. Quando foi um dia, o homem passou num lugar e viu uma caveira enfiada em um pau. Disse:

- Caveira, quem te matou?

A caveira calada...

- Caveira, quem te matou?

A caveira respondeu:

- Foi a língua, meu senhor. É quem há de te matar também...

O homem, em tom de zombaria, o homem tornou:

- Eh, eu nunca vi caveira falar!

Daí o linguarudo vai direto contar a mulher. A mulher aconselha:

- Marido, você não vá dizer nada ao rei... Você vai morrer! A caveira não te disse que morreu pela língua, e que a língua também ia te matar?!

E o marido teimava:

- Olhe: eu nunca vi caveira falar... Eu vou é falar com o rei! Ele há de me dar muito dinheiro!

Logo o homem foi falar com o rei:

- Rei meu senhor, eu passei num lugar e vi uma caveira falar.

- Mas você já viu caveira falar?

- Falou, meu senhor! Eu perguntei: "Quem te matou?" E ela: "Foi a língua" - e que a língua havia de me matar também.

Então o rei disse:

- Vam' bora pra lá! Se a caveira não falar, você morre!

- Ora, meu senhor, se ela me disse nes' stante que foi morta pela língua, e que a língua havia de me matar também!

Vem o rei com todo mundo ao lugar onde o homem encontrou a caveira... Chegou lá, o linguarudo perguntou:

- Caveira, quem te matou?

A caveira continuou calada.

- Caveira, quem te matou?

E a caveira calada...

- Caveira, quem te matou?

Perguntou várias vezes, e a caveira não respondeu. Aí, pá!... O rei manda matar o homem. Matou o homem. Logo a caveira saltou do pau e respondeu:

- Eu não disse? Quem te matou foi a língua! Quem me matou foi a língua e quem havia de te matar também era a língua! Eu não disse?

O rei se arrependeu, mas o homem já 'tava morto.
Já era tarde...

...

A minha avó, quando chamava pra dar conselho, dizia assim: "Olhe, minha filha, lá a gente viu, lá a gente deixa. Se você for em qualquer casa estranha ou conhecida, e ouvir alguém conversando, você não chegue a contar a ninguém! Se uma pessoa lhe contar um segredo, guarde, que o segredo é um tesouro, não se entrega a ninguém". Assim ela ensinava como a Bíblia, que ensina com aquelas parábolas.

A PINTINHA COXA

Era uma vez uma senhora. A senhora tinha duas filhas, uma casinha e uma pintinha. Quando estava pra morrer, ela disse que a pintinha era das duas filhas, de Joana e de Maria. Passando uns dias, Joana deu que queria comer a banda dela. Maria dizia que não queria comer porque foi lembrança da mãe.

- Ah, mas você vai me dar minha banda porque minha mãe deu a galinha pra nós duas.

Ela disse:

- Mas se eu tirar uma sua banda, minha pintinha vai morrer!

Aí a pintinha disse:

- Ói, minha senhora, deixa ela tirar minha banda... Deixa ela tirar a banda dela e a senhora fica com a outra.

- Ah, minha pintinha, mas você vai morrer!

Ela disse:

- Não morro, não. A senhora faz uma banda de barro e bota do lado que ela tirar.

Logo a moça disse a irmã:

- Pode partir a pintinha e tirar a sua banda!

A irmã aí cortou a pintinha no meio; mas como a pintinha era encantada, a pintinha não morreu. Maria aí fez de um bolo de barro uma banda bem do jeito da outra banda da pintinha. Quando o barro secou, a pintinha ficou andando, de uma banda só. E a pintinha dizia:

- Arreda-te, pedra, que eu quero passar! Eu sou de uma banda, não posso pular!

Então, tudo que ela achava, ela mandava arredar. A pintinha, que era encantada, então disse a sua senhora:

- Minha senhora, eu agora vou procurar a felicidade da senhora. A carruagem do rei passou aqui e enterrou meu grão de milho e eu vou cobrar esse grão de milho.

- Não vá não, minha pintinha! Você vai morrer!

- Não morro, não, minha senhora. Deixa eu ir.

Aí ela saiu pulando de uma banda. Chegou no caminho, ela encontrou um rio. Disse:

- Arreda-te rio, que eu quero passar!

Eu sou de uma banda, não posso pular!

O rio respondeu que não ia sair. E ela:

- Ah, você não arreda, não? Abre-te cumbuca e entra esse rio!

A pintinha abriu aquela banda de barro e o rio entrou... Entrou todo na cumbuca de barro. Ela saiu pulando novamente. Chegou no caminho, tinha uma pedra muito grande. Ela disse:

- Arreda-te, pedra, que eu quero passar!

Eu sou de uma banda, não posso pular!

A pedra não saiu, ela disse:

- Abre-te, cumbuca e entra esta pedra!

Aí a pedra entrou. Adiante, ela encontrou uma onça.

- Arreda-te, onça, que eu quero passar!
Eu sou de uma banda, não posso pular!
A onça não saiu, ela disse:

- Abre-te, cumbuca e entra esta onça.

Chegou na casa do rei, ela bateu. Quando vieram abrir, ela falou:

- Boa tarde!

- Boa tarde!

- Rei meu senhor está?

Disse:

- Está. O que é que você quer?

Disse:

- Olhe, eu vim cobrar meu grão de milho que a carruagem dele enterrou. Eu estava comendo meu milho, quando a carruagem passou e enterrou.

- Ah, vá procurar o que fazer, pintinha! Eu não vou chamar o rei, não!

Ela disse:

- Vai dizer ao rei pra pagar meu grão de milho!

Aí resolveram chamar o rei e disseram:

- Rei, meu senhor, aí tem uma pintinha de uma banda só querendo cobrar um grão de milho.

Rei disse:

- Ah, pega essa pintinha, bota dentro do curral. Que os bois vão matar ela. O gado vai matar ela, e ela me deixa em paz!

Pegaram a pintinha e botaram lá no quintal. Quando foi de noite, a pintinha disse:

- Abre-te cumbuca, sai essa onça e come esse gado todo!

Aí a onça saiu, comeu o gado do rei todo. Quando acabou de comer, ela disse:

- Abre-te cumbuca e entra esta onça.

A onça entrou. Ela aí voltou pra casa. Aí a dona dela, Maria, disse:

- Oh, minha pintinha, porque você demorou?

Ela disse:

- O rei me botou lá no curral dele e eu mandei a onça comer o gado dele todo.

- Minha pintinha, você vai morrer!

- Não morro não, minha dona. Amanhã eu vou cobrar de novo.

No outro dia, ela foi. Chegou lá, disse:

- Rei, meu senhor, eu vim cobrar meu grão de milho que sua carruagem enterrou.

Ele disse:

- Ah, não me amola, pintinha! Pega essa pintinha e bota no purrão!

(Sabe o que é purrão? É um pote grande d'água, sabia?) Aí pegaram a pintinha, botaram dentro d'água. Ela ficou quietinha. Quando foi de noite, ela disse:

- Abre-te cumbuca, saia essa pedra, quebre este purrão.

Aí o purrão se quebrou. Quando a moça veio ver, só encontrou os cacos do purrão e a pintinha no meio.

- Manda essa pintinha embora!

Pintinha foi embora. Chegou em casa, Maria disse:

- Minha pintinha, deixe esse grão de milho pra lá! Você não tem outros grãos de milho?...

- Não, minha senhora... ele vai me pagar meu grão de milho! Hoje eu vou lá de novo.

No outro dia, vai a pintinha coxa. Chegou lá:

- Rei, meu senhor, eu vim cobrar meu grão de milho.

- Mas pintinha coxa, não me amola! Já três dias que você vem? Não vou lhe pagar grão de milho nenhum, não!

- Pois! Não vai me pagar não? Abre-te, cumbuca, entra este rei, este reinado todo com tudo que tem dentro!

Aí tudo entrou na cumbuca da pintinha coxa, lá se vai ela.

- Arreda-te, pedra, que eu quero passar!

Eu sou de uma banda, não posso pular.

Arreda-te, rio, que eu quero passar!

Eu sou de uma banda, não posso pular.

Arreda-te, cobra, que eu quero passar!

Eu sou de uma banda não posso pular.

Aí, quando chegou em casa, ela disse:

- Minha sinhá, abra aí... Minha sinhá, a senhora vai ver agora o que é que a senhora vai receber!

E disse:

- Abre-te, cumbuca, e sai esse reinado e este rei case com minha sinhá Maria!

Tudo veio... Ela trouxe o reinado já com tudo que morava ali: padre, tudo! Daí saiu o reinado, o rei saiu...Então a pintinha fez o casamento da sinhá com o rei. A outra, a Joana, que tinha comido a banda da pintinha, ficou chateada, não é? E se arrependeu de ter comido a parte dela.

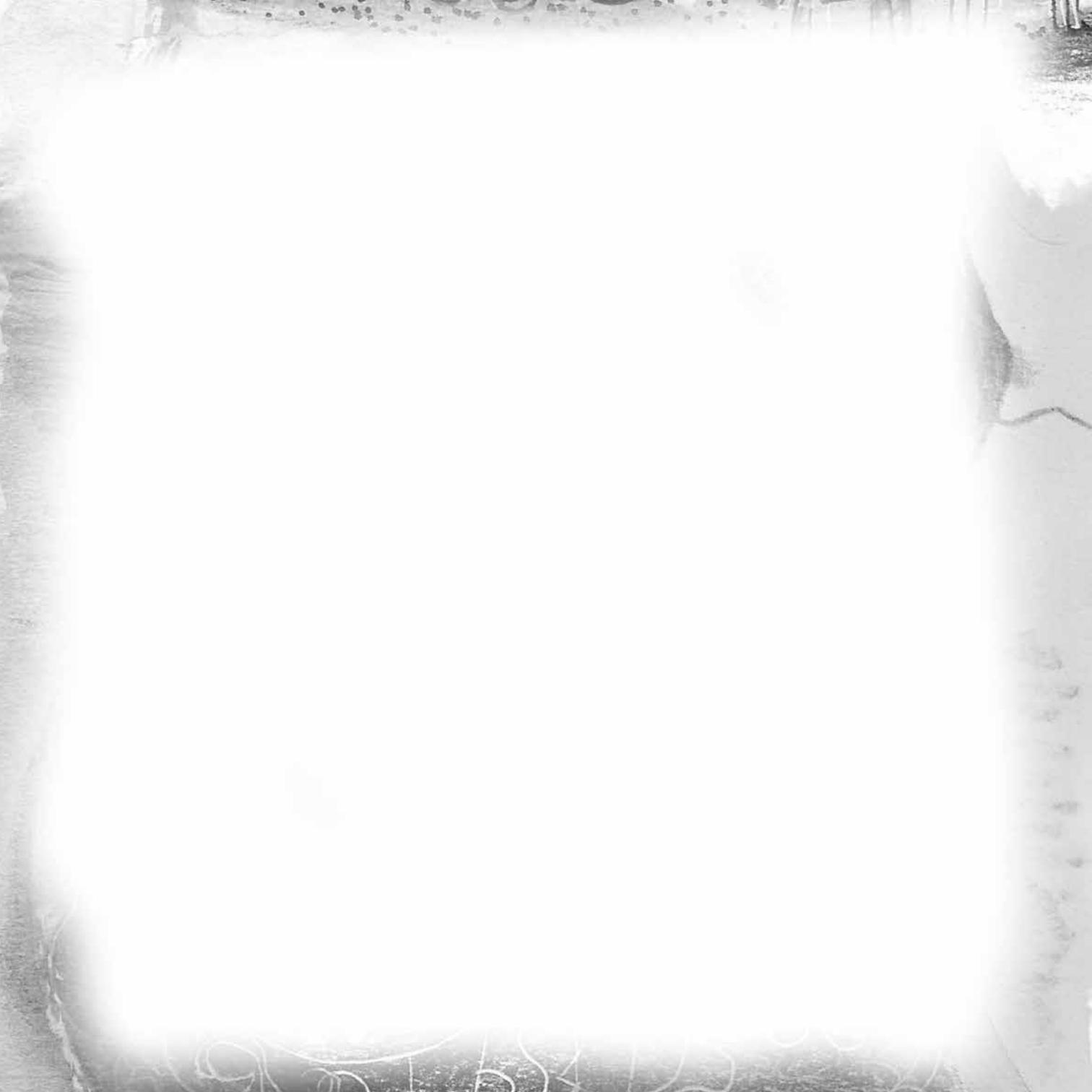
- Ah, se eu não comesse a minha parte, a outra banda minha também podia me dar...

A pintinha coxa deu a felicidade à dona e, quando acabou, disse:

- Minha dona, eu vou me desencantar. Vou m'

embora! Já lhe dei a felicidade, a senhora ganhou um rei com todo o reinado e tudo de bom, e eu vou m' embora.

Aí Maria ficou chorando e a pintinha foi embora. Joana ficou chorando de inveja. Porque foi gulosa, não teve amor ao que a mãe deixou, não é? Terminou aqui a história...



VIVA DEUS E NADA MAIS

(Conto de exemplo)

Era um homem que tinha uma fé inabalável em Deus. Era um homem que tinha muita fé em Deus. Para ele, só Deus e nada mais. Ele era pescador. Então, ele pescava e vendia peixe ao Rei. Quando ele chegava na casa do Rei, o Rei perguntava:

- Meu bom pescador, que é que *hai* de novo?

Ele dizia:

- De novo, Rei, meu senhor, que viva Deus e nada mais!

Todo dia ele tinha essa mesma conversa. O Rei já perguntava a ele o que havia de novo só pra ele dizer:

“-Viva Deus e nada mais!” Isso não porque o Rei não acreditasse em Deus. Mas o rei ficava intrigado com aquilo.

Depois de muitos anos, o Rei disse:

- Olha, eu vou fazer uma coisa com este pescador porque eu não admito que tenha pessoas mais poderosas do que eu. Eu vou fazer uma peça com ele. Eu quero ver se este Deus dele vem aqui pra ajudar.

Aí chamou o pescador e disse:

- Meu bom pescador, olhe, venha cá, hoje eu vou lhe dar uma jóia pra você guardar durante um ano. Depois de um ano, você me entrega a jóia.

Ele disse:

- Mas, Rei, meu senhor, eu moro numa casinha pobre; eu não tenho onde guardar a jóia, e se rouba-rem....?

Ele disse:

- Você não tem tanta fé neste Deus que vive dizendo: “Viva Deus e nada mais!”? Por que este Deus não guarda pra você o tesouro?

Ele disse:

- Tá bem, Rei, meu senhor, viva Deus e nada mais!

Aí ele disse:

- E se você, de hoje a um ano, não trouxer esta jóia, você vai morrer; e se você me trouxer, você vai ser beneficiado.

Ele disse:

- Viva Deus e nada mais, Rei, meu senhor!

Aí o Rei pegou o anel, botou numa caixinha e deu a ele. Ele foi pra casa. E o Rei mandou uma pessoa dele, um espião, espiar onde ele guardava o anel, sem ele perceber. Aí ele chegou em casa e disse:

- Mulher, o Rei me deu um anel pra eu guardar. Mas nós moramos nessa casinha, a gente não tem mala, a gente não tem nada pra guardar. Vamos lá na montanha e lá a gente guarda.

Ele seguiu mais a mulher. Chegou lá, cavou um buraco, botou a jóia dentro de uma lata, mais outra, mais outra. Em uma porção de lugar, chegou,

enterrou, cobriu e botou uma pedra em cima. Veio embora. Espiou pra um lado, espiou pra o outro, não viu ninguém. Ele disse:

- É, mulher, mulher, viva Deus e nada mais! De hoje a um ano, eu vou levar esta jóia ao Rei.

E veio embora. No outro dia, ele pescou e foi vender ao Rei:

- Rei meu senhor...

- Meu bom pescador, o que é que *hai* de novo?

Ele disse:

- Nada, meu Rei! Que viva Deus e nada mais!

O Rei disse: "Este homem só acredita neste Deus?! Ele não diz que viva o Rei e nada mais?! De hoje a um ano ele vai ver quem é mais poderoso, se é o Deus dele ou se sou eu."

Aí foi passando o tempo... todo dia o homem vendendo seu peixe, e completou-se um ano. Na véspera dele levar a jóia, ele foi mais a mulher lá aonde ele tinha guardado, lá na montanha, cavaram o buraco e quando procuraram, não encontraram a caixa. Ele

voltou desesperado mais a mulher porque ninguém viu, e quem tinha apanhado? Ele disse:

- Mulher, não tem nada não! Viva Deus e nada mais!

Aí os dois passaram a noite toda chorando porque o marido no outro dia ia morrer. Ele disse:

- Ói, mulher, sabe o que acontece? Eu vou pescar, vou pegar uns peixes, porque amanhã eu vou morrer, você não vai poder fazer nada, então eu deixo uns peixinhos pra você comer mais meus filhos até passar o tempo que você possa trabalhar.

Aí ele foi pra o mar, pescou e trouxe aquela anchova de peixe e a mulher disse:

- Então, marido, eu vou tratar logo o peixe porque amanhã, você morrendo, eu não posso fazer nada - e os dois meninos chorando, n' é?

O Rei tinha mandado o espião apanhar a jóia, e o Rei mesmo, em um navio, foi jogar em alto mar. No dia que o pescador teria que devolver jóia, ele foi pescar e trouxe muitos peixes. A mulher então disse:

- É, marido, eu vou tratar os peixes.

Aí foi pra cozinha. Quando ela pegou um peixe, que ela meteu a faca no bucho do peixe, e viu um negócio arranhar. Ela abriu o bucho do bicho com cuidado... Lá dentro, era o anel que estava no bucho do peixe. Aí ela disse:

- Marido, viva Deus e nada mais! A jóia está aqui, marido!

- Viva Deus e nada mais, mulher!

O pescador tinha uma fé inabalável em Deus. Eles pegaram a jóia e ele conheceu que era a jóia mesmo, na caixinha, a mesma onde o Rei tinha guardado o anel. No outro dia, às três horas da tarde, hora marcada pelo rei para a entrega do anel, tinha muita gente na frente do palácio real. Todo mundo queria conhecer o homem que só acreditava em Deus. A forca já estava armada e tudo quando é vindo o homem mais a mulher felizes da vida! Então o Rei disse:

- Meu bom pescador, que é que *hai* de novo?
Ele disse:

- Rei meu senhor, viva Deus e nada mais!

O rei tornou:

- Meu bom pescador, o que é que *hai* de novo?!

Ele disse:

- Viva Deus e nada mais, Rei, meu senhor!

Ele perguntou três vezes e três vezes o homem confirmou. Disse: "Esse homem, inda mesmo sabendo que vai morrer, tem esta fé no poder tão grande desse Deus?!"

E continuou:

- Meu bom pescador, hoje faz um ano que eu lhe entreguei uma jóia, sob pena de morte. Está a forca ali, muitas pessoas, muitos convidados, Reis de outros países pra assistir. Se você me entregar a jóia, você não vai morrer; se você não me entregar, você morrerá.

O pescador:

- Viva Deus e nada mais, Rei, meu senhor!

Diz o Rei:

- Cadê a jóia?

Ele aí panhou e deu. [...] E aí parou. Disse:

- Meu bom pescador, você achou esta jóia onde?

Ele disse:

- No bucho de um peixe!

Aí contou toda a história, o processo todo, a luta para guardar e recuperar a jóia, achada no bucho de um peixe.

Dessa data em diante, o Rei ficou acreditando que Deus existia, e que só Deus tinha poder. Então ele deu muito dinheiro ao pescador como recompensa, e o tirou daquela vida de pescar, daquela casinha onde ele morava. O pescador ficou rico e foi viver uma vida mais digna, menos sofrida com a mulher e os filhos, a quem ele botou pra estudar e tudo.

Eu sei que essa história é mais um conto da carochinha. Mas ela também podia ter acontecido de verdade, não é?

A MULHER PREGUIÇOSA

Era uma moça que não gostava de fazer nada. Tudo a mãe fazia pra ela: lavava, cozinhava... A filha só fazia dormir. A vida dela era dormir. Quando foi um dia, apareceu um rapaz querendo casar. Então a mãe dela recebeu o rapaz que foi pedir a filha em casamento, e disse:

- Olhe, meu senhor, minha filha é doente.
- Que doença ela tem?
- É muito preguiçosa. Ela não sabe fazer nada.

Ela não lava, ela não cozinha, ela não busca lenha, ela não 'panha água, ela não faz nada. Ela só faz dormir o dia todo, dia e noite.

Aí o homem disse:

- Ô, minha senhora, isso não é problema, não. Eu faço tudo pra ela. Eu lavo, eu cozinho, eu varro casa, eu arrumo, faço tudo.

- Olhe, o senhor não maltrate a minha filha, não!

- Não! Eu cuido dela direitinho...

Aí formaram casamento e a moça se casou, indo viver numa casa distante da mãe. Já no primeiro dia do casamento, a moça passou deitada, dormindo. Duas, três, quatro vezes ele fez todo o trabalho pra ela. Quando já estava com uma semana, ele disse à mulher:

- Mulher, eu vou à feira!

Chegou lá, ele comprou um capote. Já em casa, o homem falou a mulher:

- Ói, mulher, cheguei na feira, encontrei esse capote. Esse capote faz tudo dentro de casa. Ele lava prato, ele cozinha, ele bota lenha: tudo que uma mulher faz dentro de casa, esse capote faz. Agora eu vou trabalhar, e quando eu chegar cansado não vou mais

precisar fazer tudo... É o capote que vai fazer pra mim.

- Tá bem, marido! Que bom!

- É bom.

Aí pegou o capote, botou no cabide. E a mulher deitada... Ele saiu, foi trabalhar, e ela:

- Capote, capote, tu vá fazer a comida do teu senhor!

O capote não saía do lugar. De hora em hora, ela dava ao capote o mesmo recado, e nada dele obedecer.

- Que mentira! Enrolaram meu marido dizendo que esse capote fazia tudo e o capote não faz nada. Capote, capote, tu vá fazer a comida do teu senhor!

Quando o homem chega do trabalho:

- Mulher, cadê? O capote fez a comida?

- Ele não fez nada. Ele ficou bem do dele aí no cabide. Daí ele não saiu!

- É, mas amanhã ele vai fazer! Se ele não fizer, eu vou dar uma surra bem dada nele! Ele vai ver!

Aí virou:

- Capote, capote, se amanhã você não fizer as coisas, você vai tomar uma surra que você vai se arrengar!

Disse isso e foi fazer tudo o que o capote não fez. No outro dia, quando amanheceu, ele foi trabalhar. E a mulher lá deitada dormindo, roncando... De hora em hora ela dizia ao capote:

- Capote, capote, vá fazer a comida do teu senhor! Ainda bem que ele disse que vai te bater, viu! Eu é que não digo nada!

Quando o marido chegou, que abriu a porta, não tinha nada pronto. Ele então 'panhou o cipó caboclo e tome-lhe no capote! Bateu, bateu até cansar. E ela:

- Eu não te disse que você fizesse as coisas, que você ia apanhar?

- Ô, mulher, eu não 'tou acertando muito bater nesse capote aqui na minha mão. Bote ele aí nas costas pra eu dar uma surra nele, que você vai ver! Tomando essa surra, de amanhã em diante, ele vai fazer as

coisas direitinho...

Aí a mulher pegou e vestiu o capote. E o marido:
- Tome-lhe, tome-lhe! Tome-lhe, tome-lhe! Batendo nela com o cipó caboclo:

- Ai, marido! Tá doendo é em mim! Não tá doendo no capote, não!

- Não, eu estou batendo é no capote, mulher! Que me venderam o capote, dizendo que ele fazia tudo e ele não faz é nada. Ele precisa apanhar, que é pra ele aprender.

E deu-lhe uma surra! Quando ela começou a gritar, que ela sentiu que era ela que tava apanhando, quando ela já tinha apanhado bastante, ele aí mandou que ela tirasse o capote e disse:

- Olhe, capote, amanhã eu vou sair. Se você não fizer o trabalho de casa, lhe dou outra surra dessa que lhe dei ontem, viu?

E ela deitada...

- Capote, você não tem vergonha, não, capote? Tomou uma surra danada ontem! Mas o pior é que ele botou você nas minhas costas e a surra doeu foi

em mim, viu? E você não vai fazer nada?! Hoje, se ele quiser lhe bater... Você é quem sabe!

E nada do capote fazer nada... Ela disse:

- Ói, sabe o que mais? Eu vou varrer essa casa, vou lavar esses pratos, vou fazer o café, fazer a comida, porque depois quem vai apanhar sou eu, viu capote?

Aí ela levantou, varreu a casa, fez tudo: lavou, fez a comida... Quando o marido chegou, ele disse:

- Então, mulher? A surra não valeu? Capote não fez o serviço?

- Foi? Foi o capote que fez? Quem fez tudo fui eu! Ele ficou bem do dele aí no cabide sem querer fazer nada. Eu que vi que ele não ia fazer e fiz, porque aquela surra de ontem doeu foi em mim!

- Você é boba, mulher? Você já viu capote fazer nada? Eu quis foi lhe bater mesmo que é pra você saber que mulher quando casa tem que cuidar da casa! Eu não sou sua mãe, não!

Daí em diante, ela passou a fazer tudo em casa. Quando foi um dia, vem a mãe. Então tinha faltado lenha pra fazer o fogo, e a filha:

- Ô minha mãe! Minha mãe! Traz uns paus de lenha que na casa de seu Duca, quem não trabuca, não manduca, minha mãe! Ô minha mãe...!

- Minha filha, é você?

- É, minha mãe! Traga uns paus de lenha que na casa de seu Duca quem não trabuca não manduca... (O marido chamava Duca. “Quem não trabuca”, quer dizer: “quem não trabalha”; e “não manduca”, significava: “não come”. Queria dizer: se ela não fazia nada, ela também não ia comer.) Na casa de seu Duca, quem não trabuca, não manduca, minha mãe! Traz uns paus de lenha!

Quando a mãe chegou, que viu tudo arrumado, casa arrumada, roupa lavada, comida pronta, disse:

- Minha filha, que processo foi esse que você ‘tá tão trabalhadeira?

Ela aí contou a história do capote. Então a mãe chegou e disse:

- Tá vendo, minha filha, o que faltava era eu lhe bater ...

Aí nunca mais ela quis deitar pra o capote fazer as coisas. Viu?

O REI TINHA A BARBA AZUL

Era um rei que tinha uma barba azul; e havia só um barbeiro que fazia a barba dele. Foi prometido que ninguém devia saber que o Rei tinha barba azul, porque era um fenômeno: ninguém nunca tinha visto alguém com a barba azul. E o barbeiro vivia com aquilo na cabeça, que ele nunca tinha visto ninguém de barba azul. Um dia ele pensou: “Não, eu não vou dizer a ninguém, mas eu vou cavar um buraco e vou falar que o Rei tem barba azul.” Aí ele cavou um buraco grande, cavou um buraco e disse:

O Rei tem barba azul!
O Rei tem barba azul!
O Rei tem barba azul!

Quando acabou, cobriu o buraco. Neste buraco, nasceu um taquari (vocês sabem o que é um taquari? É uma planta parecendo bambu, que os meninos usavam para fazer flauta. Eles cortavam um pedaço do caule, davam uns furinhos e o taquari virava um instrumento para eles tocarem). Então, no buraco cavado pelo barbeiro nasceu um taquari. Quando o vento dava no taquari, o taquari soprava:

O Rei tem barba azul!
O Rei tem barba azul!

E a notícia foi se espalhando pela cidade e chegou no ouvido do Rei:

– Rei meu senhor, tão dizendo por aí que o senhor tem barba azul!

“Esse barbeiro foi infiel: vou mandar matar ele.”
Aí o rei mandou chamar o barbeiro e disse:

- Olhe, eu pedi que você não dissesse a ninguém que eu tinha a barba azul, e você disse. Agora você vai morrer.

- Rei, meu senhor, eu não disse. Eu falei no buraco. Eu cavei um buraco, falei e cobri. Então quem fala é o taquari, não sou eu!

Ele disse:

- Vam' bora lá. Se o taquari não falar, você vai morrer.

Quando chegou lá, que o Rei tirou o pedaço de taquari, que botou na boca, o taquari:

O Rei tem barba azul!

O Rei tem barba azul!

Aí o Rei perdoou o barbeiro, porque viu mesmo que ele não tinha falado o segredo a ninguém. Mas dizem os antigos que tudo que a gente faz aqui que a

terra tem que dar conta, não é? Então a terra deu conta
do que ele falou.

DOM DURNIS

Era uma moça que não encontrava o seu príncipe encantado para se casar. O pai dela resolveu fazer uma festa e convidar todos os príncipes pra vir participar da festa. Então a moça fez uma proposta ao pai: que só se casaria com um homem que soubesse comer bem. A princesa tinha a fama de ser muito crítica. Enquanto era servido o almoço, ela observava cada príncipe que estava ali. O que ela achou que comia melhor era Dom Durnis. Mas, pra experimentar o príncipe, ela mandou servir uma romã, e quis que o moço comesse a romã de garfo, pra ver se ele comia bem. Na hora que Dom Durnis ia comer a romã, um caroço caiu no queixo e

ela fez uma crítica daquelas... Disse que ele não comia bem e tal... Ele então passou uma grande desfeita no meio de todos os príncipes e, muito envergonhado, voltou pra sua terra e resolveu se vingar da princesa. Mandou fazer uma bolsa que continha dinheiro, uma toalha que botava a mesa e uma galinha dos ovos de ouro. Botou o navio no mar e, chegando perto do palácio da Princesa, ao meio-dia, saiu com os outros marinheiros, se vestiu de marinheiro, botou uma toalha e disse à toalha:

- Bota-te, mesa!

Na toalha, logo apareceram vários pratos de comida de formas diferentes e com iguarias variadas. A escrava da princesa que estava perto da praia, viu todo aquele processo. Ela viu o marinheiro botar a mesa com vários pratos e comida de todos os tipos, dizendo aquelas poucas palavras: "Bota-te, toalha!". Correu e foi contar à Princesa:

- Minha sinhá, ali na praia tem um marinheiro que tem uma toalha encantada. Ele diz: "bota-te, mesa", e

logo aparecem vários tipos de comida na toalha. Um homem tão pobre não pode possuir aquela toalha... Quem pode possuir é a princesa, minha sinhá!

A princesa respondeu:

- Vá perguntar a ele se ele vende, empresta ou me dá essa toalha misteriosa.

A escrava então voltou ao lugar e disse ao marinheiro:

- Marinheiro, minha sinhá mandou perguntar se o senhor empresta, dá ou vende esta toalha.

- Diga a sua sinhá que eu não vendo, não dou e nem empresto. Só dou se ela deixar eu ver o dedo grande do pé.

Porque, naquele tempo, as princesas andavam de meia - era uma falta de respeito se ver as pernas de uma moça.

Quando a escrava contou a princesa, ela ficou muito indignada e disse:

- Que ousadia deste marinheiro! Ele não se respeita, não se assunta?! Querer ver o dedo de meu pé?!

Aí a escrava disse:

- Que nada, sinhá! Ele é um pobre, ele é um marinheiro. A sinhá manda chamar ele, corta a meia no dedo grande do pé, mostra o dedo grande e fica com a toalha. Se ele falar que viu o dedo grande do pé de minha sinhá, Rei meu senhor manda matar ele.

Ela disse:

- Então diga a ele que venha.

E ele, muito contente, veio trazer a toalha (isso tudo escondido do pai). Então ela cortou a meia, mostrou o dedo grande, o marinheiro deu a toalha e foi embora. No outro dia, ele pegou uma bolsa e disse:

- Eu quero tantos milhões de dinheiro.

E a bolsa se enchia de quanto ele desejasse de dinheiro. A escrava vendo aquilo, disse:

- Sinhá, o marinheiro está hoje com uma bolsa de dinheiro: ele manda que a bolsa encha de dinheiro, e a bolsa bota quanto dinheiro ele desejar. Isso quem podia possuir era minha sinhá, porque minha sinhá é quem é princesa, é rica. Mas ele, um pobre

marinheiro que fica ali tomando conta do navio?!

Ela disse:

- Mas eu não mando pedir a ele não, porque ele é muito ousado. Ontem ele desejou ver meu dedo do pé, hoje ele vai querer desejar ver outra coisa.

- Ah, sinhá! Mas mande perguntar.

Aí ela foi e disse:

- Marinheiro, minha sinhá mandou perguntar se o senhor empresta, vende ou dá esta bolsa.

- Não dou, não vendo e não empresto. Só se ela deixar eu ver o calcanhar dela.

A escrava voltou e contou a ela o que o marinheiro tinha dito. E ela, muito aborrecida, disse:

- É um desaforo! Eu vou dizer a meu pai pra meu pai prender ele, mandar dar uma surra nele, que é ousado! Quer ver o calcanhar! Meu calcanhar!

- Que nada, sinhá! A senhora faz aquele mesmo processo de ontem: pega a tesoura, corta a meia no calcanhar. Ele vê seu calcanhar e lhe dá a bolsa de dinheiro.

- Então vá chamar ele.

Ela foi e disse. O marinheiro veio, ela cortou a meia no calcanhar, mostrou a ele, ele deixou a bolsa e foi embora. No outro dia, no mesmo horário, ele sentou na praia segurando uma “galinha dos ovos de ouro”, e disse:

- Galinha, ponha quantos anos eu tenho.

A galinha pôs.

- Quantos anos minha mãe tem.

A galinha pôs aquele bocado de ovos de ouro. A escrava viu, voltou e foi contar à sinhá. A sinhá disse:

- Ah, eu não quero mais nada, porque esse homem é muito ousado e já viu o dedo de meu pé e já viu meu calcanhar e ele vai querer ver outra coisa, e eu não vou me conformar com isso, não!

- Que nada, sinhá! Ele, um pobre marinheiro, não tem nada. Se ele falar de sinhá, Rei meu senhor manda matar ele.

- Então vá perguntar se ele dá, vende ou empresta a galinha dos ovos de ouro.

Ele disse:

- Não dou, não vendo e não empresto. Só se ela deixar eu dormir no cantinho do quarto dela.

Ela disse:

- Ele é muito ousado! Vou dizer a meu pai! Vou mandar matar esse marinheiro!

Aí a escrava disse:

- Que nada, sinhá! Ele é um pobre marinheiro. A senhora deita na sua cama e ele deita no cantinho lá no chão. Quando é de manhã, ele sai, vai embora. Ele não vai dizer que dormiu no seu quarto porque, se ele disser, ninguém acredita, e o Rei meu senhor manda matar ele.

- É, diga a ele que venha.

Quando o marinheiro veio, quando é alta noite, a casa já estava fechada, o Rei já estava dormindo mais a Rainha. Ele aí veio. Ela abriu a porta do quarto, ele entrou, deitou no cantinho. Quando foi tarde da noite, ele convidou a princesa para ir com ele viajar. Ela logo aceitou e tomou o navio. O navio andou muito, chegou

em outras terras. Na terra dele, ele saltou do navio e disse:

- Olha, moça, eu sou um pobre marinheiro, eu não tenho casa, eu durmo debaixo de um pé de pau, numa rede, e você, que é filha de rei, é majestade, não vai se assujeitar a esse desconforto, que a senhora tem todo conforto na sua casa. Eu não tenho, e o pessoal não me deixa parar. Todas as vezes que eu estou pra descansar, me chamam. (Era a ordem que ele tinha dado ao pessoal que trabalhava com ele: que quando ele chegasse com a moça, que chamasse ele, que era pra ele deixar ela lá na rede sozinha e vir pra o conforto dele.) Ele chegou, armou uma rede no pé de pau e, na hora que ele ia deitar, os companheiros chamaram ele:

- Companheiro, ô companheiro! Marinheiro, o patrão tá chamando pra você ir fazer um serviço!

Ele aí deixou a princesa na rede e foi pra casa tomar banho, mudar a roupa e ficar no conforto dele. A princesa ficou lá no canto dela, chorando. No outro dia, meio-dia, ele pegou um pedaço de carne, assou na bra-

sa e deu pra ela comer. Ela não comeu porque não era acostumada a comer essas comidas. Ficou chorando. Na hora que ele ia comer, aí os marinheiros, que eram os empregados dele, gritaram:

- Ô, ô companheiro! Marinheiro, patrão tá chamando!

Ele foi pra casa. Chegou em casa, tomou banho, mudou a roupa, vestiu a roupa de gala, de príncipe, e ficou no todo conforto. No outro dia, ele voltou e disse:

- Olha, moça, amanhã o filho do Rei vai casar e precisa de pessoas pra ajudar. Você, que sabe costurar muito bem, você vai ajudar a costurar. E, quando chegar lá, você tira um pedaço de pano pra se enrolar, que aqui não tem coberta, não tem nada, e você tira um pedaço de pano pra fazer um lençol.

Ela disse:

- Não, porque se me virem, eu vou passar uma decepção.

- Que nada! Você esconde bem escondido. Você

bota o pano debaixo da roupa bem enroladinho e ninguém vê.

Ela aí foi ajudar a costurar. Quando foi mais tarde, quando saiu todo mundo (que era a ordem do príncipe deixar a moça sozinha) ela tirou um pedaço de pano, enrolou, escondeu debaixo da roupa e ficou. Daqui há pouco, ele chegou vestido de príncipe. A moça não reconheceu o marinheiro porque, quando ele ia visitar ela, ele ia todo sujo de óleo, a farda suja, descalço. Então o príncipe falou:

- Minha mãe, a senhora já mandou olhar essas costureiras pra ver se alguma delas não vai levando um pedaço de pano pra casa?

A mãe aí mandou revistar e encontrou o pano escondido pela princesa. Ela aí saiu chorando muito. Mais tarde, quando encontrou o marinheiro, ela disse:

- Ah, você mandou eu tirar um pedaço de pano pra me cobrir, pra fazer um lençol e, quando chegou lá, a mãe do príncipe veio revistar a gente, e encontrou o pedaço de pano na minha roupa.

- Que nada! Isso é bobagem. Você não ligue pra isso não! Amanhã, no castelo, eles vão precisar de florista. Você sabe fazer flores muito bem. Você vá e faça umas flores pra enfeitar aqui a árvore onde você dorme.

Aí ela fazia assim:

- Ai, Dom Durnis! Deus me deu e eu não quis!

Ele dizia:

- Quem é Dom Durnis?

Ela disse:

- Nada.

- Todas as vezes você chama por esse Dom Durnis, que Deus lhe deu e você não quis.

No outro dia, ela foi fazer as flores e fez o mesmo processo. Pegou os pedaços de papéis, escondeu pra levar, pra fazer flores, pra enfeitar o lugar onde ela dormia. Mais tarde chegou a mãe do príncipe e revisitou todas as floristas e encontrou ela com pedaços de papel. Ela passou outra decepção e saiu muito chorosa e falou:

- Ai, Dom Durnis! Deus me deu e eu não quis!

Dormiu lá no canto dela. No outro dia pela manhã, o príncipe disfarçado disse:

- Olhe, hoje é o último dia. Você vai fazer doces, que o príncipe vai precisar de muitas moças pra fazer doce, e você, como faz doces muito finos, vai ajudar. Mas na hora você tira um pouquinho de massa, amarra na fralda, pra chegar aqui, você fazer um mingau, que você tá fraquinha. Durante esses dias você não comeu.

- Ah, eu não vou fazer isso, não, porque já dois dias eu passei por uma decepção. Pra ser os três, eu vou ficar muito abatida.

- Não tem problema não, menina! Não ligue pra isso não!

Ela aí foi fazer os doces. Quando chegou na hora exata, todo mundo saiu, ela apanha um pouco da massa do bolo, amarra na fralda da camisa. E vem a mãe do príncipe perguntar se alguém ali não estava com massa escondida. Quando cada um sacudiu, que ela sacudiu, a massa caiu. Mas Dom Durnis fazia tudo isso pra

se vingar da crítica, da decepção que ela fez ele passar no meio de vários príncipes. Muito chorosa ela foi pro canto dela dormir. Então, o falso marinheiro disse:

- Olhe, amanhã é o casamento do príncipe, e ele vai precisar de uma moça pra se vestir de noiva, pra servir à mesa.

- Ah, eu não vou não, porque eu já passei aquela decepção esses dias, pra hoje passar...

- Não, hoje ele me pediu e, você sabe, eu sou empregado. Se eu não levar você, eu vou sofrer um castigo muito grande. O Rei aí tem poder pra fazer de mim o que ele quiser. E, se você não for, eu estou em má colocação.

Aí ela foi. Quando chegou lá, tinha aquelas moças pra vestir a noiva. Ela se vestiu de noiva, muito bonita e tal! O padre já está lá; estavam os convidados e os pais dela também. Os pais dela foram chamados pra ir pro casamento, mas não sabiam que era a filha deles que ia casar. Quando chegou na hora, o príncipe disse:

- Meus senhores e minhas senhoras, eu vou revelar um segredo pra vocês: hoje é o meu casamento com a princesa (aí deu o nome da princesa). Esta princesa fez um almoço na casa dela e convidou todos os príncipes. Então ela escolheu Dom Durnis como o seu melhor convidado. Mas Dom Durnis foi comer uma romã e caiu um grãozinho de romã no queixo. Por causa disso, ela me fez uma crítica. Meus amigos, essa moça me decepcionou! E hoje chegou o dia de eu me vingar dessa moça. Eu vou me casar com a princesa (a moça estava escondida lá no quarto, inda não tinha saído). Hoje é o grande dia do meu casamento.

Então ele mandou chamar a moça no quarto e o padre casou os dois. Assim ela foi ser feliz para sempre e os pais dela ficaram muito contentes. Mas antes Dom Durnis se vingou da decepção que ele passou. Assim termina a história.



Luiza Cruz do Nascimento é natural de Salvador, nascida no bairro de Pernambués, onde vive até hoje. Como líder comunitária, integra a Comissão Unida de Pernambués. Também dirige, junto com o marido, o Terno de Reis Rosa Menina.

Os contos aqui apresentados foram gravados em Salvador em agosto de 1995 e transcritos segundo as normas do Programa de Estudo e Pesquisa da Literatura Popular da UFBA. No repertório que selecionamos predominam os contos de exemplo e de encantamento, dando uma pequena amostra do talento desta contadora de histórias.

Apoio:



ISBN: 978-85-7887-022-5



9 788578 870225